

Sessão de histórias

Editora: Ofício das Palavras - 2013

Autor: Ignacio Gerber

Resenhado por Erika Reimann¹

Na II Bienal de Psicanálise e Cultura de Ribeirão Preto – *Humor, Verdade e Psicanálise* -, ocorrida em Maio de 2014, Ignacio Gerber nos apresentou sua obra *Sessão de Histórias*. Não havia um cenário melhor para apresentação dessa estimulante criação. Discussões sobre como o humor se tornou necessário para a humanidade e para a psicanálise. Já que veio para questionar a verdade, dizer a verdade, ou, ainda, para suavizá-la e, ainda, para nos aproximar de nossos analisandos.

Nesse livro, o autor nos mostra de maneira muito lúdica, bem-humorada e emocionante, como penetrar no mundo daqueles que nos procuram utilizando uma “ferramenta” muito comum, que são histórias. Sim, apenas histórias do dia a dia, “causos”, alguns mais elaborados. Mas, todos quando contados no tempo “certo”, podem ser mais assertivas do que uma interpretação.

Esse não é um livro sobre metapsicanálise, teorias complexas ou cheio de jargões psicanalíticos e sim uma grande colcha de retalhos da natureza humana. Apesar de não ser a pretensão de Gerber neste momento, ele nos ensina a importância das histórias para se construir uma ponte analítica (analista-analisando) com nossos analisandos. Surpreende-nos a profundidade que uma história pode alcançar e esta podendo ser tão simples e humilde. O que nos faz pensar no quão rico pode ser um analista tornar-se um “contador de causos”. Através de algo tão comum e humano, que são as histórias. Histórias estas que podem preencher vazios, nomear afetos e dar significados a momentos vívidos, seja internamente ou externamente.

Gerber nos delicia com um grande passeio por suas histórias pessoais e por outras contadas por seus pacientes, as quais ocorreram ao longo dos seus trinta anos de atendimento. Ele deseja estimular a imaginação do leitor para o que acontece dentro de uma sessão psicanalítica, “*que faz surgir dos meandros infinitos do Inconsciente uma história que empreste sentido a esse inefável momento do encontro de dois*”. Traz uma questão importante para refletirmos, que é a atitude interior do analista, que, por meio de

¹ Membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

seus próprios processos inconscientes, consegue acessar o inconsciente do analisando. O autor se desnuda a partir das histórias que nos relata, afinal são suas histórias.

Ler esse livro é poder navegar no veleiro do autor, sentir a brisa úmida do mar teórico sem deixar de ser molhado pela emoção existente no encontro da dupla analítica.

Uma fala que me ocorra em forma de imagem, música, história, quando transmitida ao analisando, produz nele a explicação do que eu ainda não havia entendido. Por outro lado, tantas vezes, ao captar o sentido do momento é quando mais me ocorrem, além de interpretações enunciadas, histórias que parecem representar essa essência emocional. (pág. 15)

No primeiro capítulo, o autor fala que sonhos são histórias que nosso inconsciente nos conta enquanto dormimos. Assim como nosso trabalho, onde analista e analisando, contando e ouvindo histórias, também sonham, viajam juntos em uma verdade transitória que nos une até a próxima separação, em um perene processo de encontros e desencontros. Gerber escolheu contar histórias porque elas possuem o dom de apontar algo pessoal no analisando, algo universal na espécie humana.

Eu sou homem e nada do que é humano me é estranho. Afinal, continua o autor, as histórias são um convite à construção compartilhada de uma interpretação, sempre provisória e transitória, do que está acontecendo com a dupla: somos parceiros no processo psicanalítico e nessa parceria o “você” e o “nós” são intercambiáveis. (pp.18-19)

Como ser um “contador de causos” sem falar de si mesmo? O autor se expõe a cada linha que escreve e narra. E assim, Ignacio Gerber vai se mostrando em seu livro, ele mesmo diz que as histórias que traz representam fragmentos de uma autobiografia parcial, um recorte específico de coisas que têm lhe interessado ao longo da vida e que constituem sua “personalidade psicanalítica”. São 90 histórias, contos, anedotas que nos fazem sonhar as sessões de análise, além de nos mostrar também que o analista é na prática clínica o que ele é na vida, “*não há álbis ou disfarces possíveis*”. (p.21)

Em uma das histórias do livro, “Devaneios”, o autor nos fala da importância de nos arriscarmos e que, quando ficamos na “segurança” da técnica, acabamos ficando pobres. Pois não nos permitimos conhecer, viver a experiência do não saber. Essa é a história de um velejador teórico, que conhecia cada detalhe dessa “arte”, porém nunca havia vivido a experiência de estar em alto-mar sendo o comandante de sua própria embarcação, assumindo todas as responsabilidades da imersão no oceano desconhecido.

Fiquei pensando que existem devaneios que se bastam como substitutos da realidade e, como tais, não se prestam a ser compartilhados a não ser como convite solipsista à fuga.

E existem devaneios que funcionam como projetos efetivos, experimentações ideais (com os meios disponíveis de energia psíquica, diria o jovem Freud) para realizações futuras. Rêveries mútuas que nos estimulam a velejar juntos pelo oceano. (pág.65)

Existem devaneios cuja função é substituir a realidade possível sem intenção verdadeira de que eles se concretizem; e existem devaneios que tem a função de testar a verdade de nossos desejos visando sua realização efetiva, ainda que num futuro incerto. (pág.65)

O imprevisto, o improvisado, é o poder criar algo novo diante do que já é sabido, mas sem se prender à teoria. Improvisar como uma mudança de algo que está acontecendo.

Esse é um daqueles livros que nos fazem companhia, nos divertem, emocionam e que nos seguram nas últimas páginas para não deixarmos que o final se aproxime.

A aceitação da finitude não é apenas uma resignação inconformada e dolorida. Talvez no primeiro momento, mas ela conduz gradativamente a outro estado de alma, mais capaz de valorizar e viver com prazer os tempos possíveis. (p. 157) E com essa citação do “conto” FINITO-INFINITO encerro este artigo desejando àqueles que se interessaram pelo livro um excelente passeio pelas Sessões de Histórias, que possam saborear cada uma delas.

Em um de seus “causos”, o autor cita uma palestra onde Antonio Muniz de Rezende falava para os aficionados por Bion: *Sábio é alguém que aprendeu com as experiências emocionais* e Gerber completa *O sábio é aquele que continua aprendendo com as experiências emocionais, sempre!* (pág. 91)

Erika Michelle de Medeiros Reimann Franco
STN Bloco N Sala 339 - Ed. Jaime Leal
70749-970 – Brasília/DF
erikareimann@gmail.com